

O impacto dos transtornos emocionais na vida dos universitários

Ana Beatriz Santos Matias (IFS)

beatrizmatias100@gmail.com

Leandro Santos Fraga (IFS)

leandro.fraga066@academico.ifs.edu.br

Anthony Gabriel A. Santos (IFS)

anthony.santos054@academico.ifs.edu.br

Jônatas de Andrade Silva (IFS)

jonatas.silva087@academico.ifs.edu.br

Valdenice de Jesus Melo

nicejesus@gmail.com

Resumo: *Este artigo procura abordar sistematicamente sobre as dificuldades emocionais acerca da vida universitária dos jovens e adultos. A fim de debater sobre os preconceitos raciais e de gênero, e também, sobre a exclusão de pessoas deficientes no cenário acadêmico. Como também, informar as consequências de tais fatores na vida pessoal e social de cada um. A partir disso, é informado sobre possíveis ajudas e projetos, nas instituições e universidades do Brasil, que lutam para diminuir a intensidade de doenças psicológicas em seus alunos.*

Palavra chave: Preconceitos, Homofobia, Xenofobia, Depressão, Universitários.

1. Introdução

Os jovens, quando iniciam a fase adulta, sofrem pressão para poder se tornar uma pessoa estável financeiramente e com um padrão de vida considerado o correto pela sociedade. Por causa disso, muitos deles dedicam horas a cursinhos preparatórios para processos seletivos das universidades. Nesse cenário, os estudantes passam por diversas mudanças sejam elas sociais, fisiológicas, neurológicas ou psicológicas, isso devido à transcorrência da adolescência para fase adulta, fazendo com que os indivíduos enfrentem este período crítico de adaptação ao novo papel social que passam a vivenciar.

Dentro da universidade, os alunos estão constantemente competindo por: bolsas de estudos, vagas de estágio, monitorias, liderança nas empresas júnior e intercâmbio. Isso, cria a ideia que todos devem se destacar, porém, poucos sabem lidar com um ambiente competitivo e se tornam vulneráveis por causa das cobranças impostas. Outro fator contribuinte é o distanciamento da família e amigos. Como também, partilhar casa com novas pessoas, dar resposta às próprias expectativas e às dos pais, manter relacionamentos à distância, problemas financeiros (lidar com poucos recursos), dificuldades em organizar o tempo e preocupação em terminar o curso e arranjar emprego.

Nesse âmbito, também estão relacionados o desrespeito às pessoas que não se encaixam ao padrão imposto socialmente, seja pela orientação sexual, condição física, identidade de gênero ou a própria cultura. Por exemplo, a homofobia compromete a inclusão nas universidades e dificulta o aprendizado dos estudantes. Nessa circunstância, os tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais às vezes são constantes na vida acadêmica e profissional de alguns jovens e adultos LGBTs. Em luta contra a discriminação, o Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual reúne grupos que discutem a temática sobre gênero e sexualidade abrindo espaço para discussões acadêmicas e políticas.

Ainda no mesmo contexto, como citado anteriormente, a saída de casa para uma nova cidade ou país provoca crises existenciais, tristezas e inseguranças na qual um dos fatores responsáveis é a xenofobia dos veteranos nas universidades. No ano de 2019 a Veja fez uma matéria na qual mostra que brasileiros foram vítimas de xenofobia, onde um caixote de madeira com pedras amanheceu em um corredor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL) com a seguinte frase: “Grátis se for para atirar em um ‘zuca’ (que passou na frente no mestrado)”. O termo zuca deriva-se de brazucas, é como os brasileiros são chamados em Portugal por xenofóbicos.

Conseqüentemente, os estudantes estão sujeitos a manifestações de muitas doenças psiquiátricas como crise de ansiedade, bipolaridade e depressão, e o prognóstico destas doenças melhora com a identificação e intervenção precoce. Todavia, os jovens se recusam ao acompanhamento psiquiátrico por medo da perda da privacidade e discriminação, negação da necessidade de tratamento e o desconhecimento em relação aos serviços de saúde mental disponível.

2. Preconceito e xenofobia podem causar um transtorno psicológico

O espaço acadêmico costuma ser um ambiente competitivo que acaba submetendo aos alunos uma pressão constante. Para os que fazem parte de grupos minoritários, caso dos estudantes negros, imigrantes, LGBTQs e etc. Essa pressão vem acompanhada de muitas outras dificuldades. Ao chegar nas universidades públicas, esses alunos encontram um ambiente impróprio, isso causa uma sensação de não pertencimento que pode resultar em queda no desempenho acadêmico e problemas psicológicos.

Um estudo publicado em 2018 na revista *Interfaces Brasil/Canadá*, realizado pelo professor Alessandro e mais duas pesquisadoras, descreve as experiências de 15 mulheres negras na USP, que vão desde o impedimento de circular em alguns lugares até perder oportunidades acadêmicas por precisar trabalhar. Os depoimentos são muito parecidos com o que disseram as estudantes entrevistadas pela reportagem. No mais, as mulheres também falaram sobre afetividade, e a constatação de que elas não costumam ser vistas pelos homens como possibilidade para relacionamentos.

Um exemplo claro disso como mostrado no site *Destak Jornal* e em muitas outras fontes “estudantes brasileiros da Universidade de Direito de Lisboa, em Portugal, alegam ter sofrido casos de xenofobia. Uma caixa com pedras foi colocada nos corredores de uma instituição, simbolizando uma “loja de souvenirs”, para aqueles que quisessem atirar em “zucas”, que é um apelido usado para se referir aos brasileiros. Quando questionados sobre o que aquilo significava, os estudantes portugueses disseram “é apenas uma brincadeira”. No entanto, os brasileiros encaram a atitude como xenófoba, e fizeram denúncias nas redes sociais”.

Figura 1—Xenofobia em Portugal



Fonte: <https://www.destakjornal.com.br/mundo/detalhe/estudantes-brasileiros-sofrem-xenofobia-na-universidade-de-lisboa>

3. Os problemas psicológicos e emocionais que afetam a população LGBT universitária

Nos anos atuais a depressão tem sido uma doença bastante recorrente em jovens e adultos, conseqüentemente, bullying, ofensas e preconceitos são gatilhos para a aparição desse distúrbio. Sendo assim é possível notar essa influência externa no adoecimento do indivíduo, principalmente naqueles que sofrem LGBTfobia. Segundo uma pesquisa feita na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, é cinco vez mais provável de um jovem homossexual cometer suicídio a um heterossexual.

Na universidade também se faz presente essas formas de preconceito, desde jovens que são agredidos ou ofendidos dentro das instituições, ou até outros que se sentem pressionados psicologicamente e acabam desistindo do curso ou diminuindo seu rendimento. Com isso em mente, a ONG Reprolatina fez um estudo onde mostra que casos de agressões físicas e/ou verbais são frequentemente ignorados por educadores, isso acarreta em tristeza, baixo autoestima, isolamento, evasão escolar e possivelmente depressão.

Figura 2 — Resultados da pesquisa feita pela ONG Reprolatina

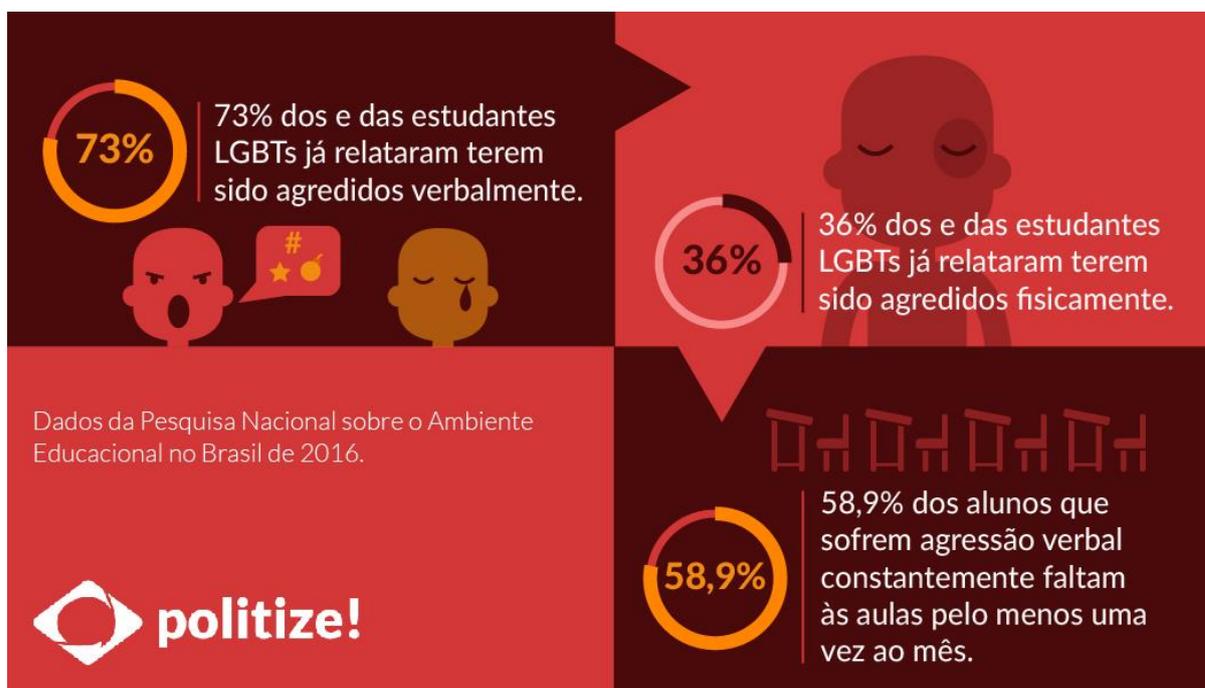


Fonte: https://istoe.com.br/108153_PRECONCEITO+NA+UNIVERSIDADE/

Analogamente essas atitudes preconceituosas não são as únicas que afetam a saúde mental da pessoa, há alguns outros fatores que influenciam negativamente, como a auto aceitação por exemplo. Na psicanálise a homossexualidade é dividida em dois tipos, a ego-sistônica, onde o indivíduo não possui nenhum conflito com sua orientação sexual e a egodistônica, neste caso o sujeito está desconfortável com sua condição, devido a fatores externos como por exemplo um julgamento de sua religião. Com isso, essas pessoas, em uma tentativa de se adequar ao meio, se expõem em tentativas de reorientação sexual, que de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria, o máximo que essa terapia faz nos pacientes é o desenvolvimento de danos extremos na psique humana, depressão, ansiedade, pânico e suicídio.

No ambiente escolar e universitário, a LGBTfobia é mais presente entre os estudantes, todavia os educadores possuem parte da culpa por não orientar ou intervir para responsabilizar os estudantes que cometem a agressão, quando não é o próprio educador que pratica. Logo, os estudantes que sofrem, precisam se esforçar mais que o normal para manter seu rendimento intacto e não abandonar os estudos. De acordo com a psicóloga especialista em sexualidade da UCB (Universidade Católica de Brasília), Claudiene Santos: “O preconceito vem de casa, mas a escola, como um espaço de educação, pode fazer com que esses estudantes modifiquem suas próprias visões e até mesmo as visões de seus parentes”.

Figura 3 — Dados do politize sobre agressões sofridas por LGBTs



Fonte: <https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>

4. Corpo do texto

Desde o preconceito sofrido por suas diferenças à pressão para alcançar o sucesso, tanto profissional quanto pessoal, todos os empecilhos apresentados aos jovens no momento de iniciar sua carreira acadêmica, podem desmotivar até os mais fortes entre os estudantes, fazendo que em alguns casos desistam de seus cursos por não suportar toda pressão psicológica. Por isso é necessário que haja projetos que possam conscientizar as pessoas sobre a fragilidade de alguns estudantes, ou que dê a esses estudantes apoio para que consigam superar esses desafios durante o ensino superior.

Em inúmeras pesquisas sobre os transtornos que os jovens sofrem nesse período há uma grande quantidade de depoimentos disponíveis, onde a sensação de abandono, de não ter há quem pedir ajuda é sempre uma constante. Esta sensação que priva os alunos de suas capacidades e de aproveitar o seu ensino superior.

Na falta de possibilidades, projetos simples podem fazer uma grande diferença, como o do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec) onde eles perceberam que alguns estudantes perdiam a motivação por se sentirem perdidos nos estudos e no que fazer após a graduação, assim, o instituto começou a disponibilizar a seus alunos acompanhamento e orientação para que possam adequar seu processo de aprendizagem e terem uma visão clara de seus objetivos o caminho a traçar.

Assim gostaria de propor um projeto onde fosse ofertado um ambiente seguro para que os alunos possam buscar ajuda e se abrir sobre seus transtornos e não sentirem que estão lá apenas para se formar, e sim, para gerar um conhecimento que irá acompanhá-los pelo resto de suas vidas, além de debates que busquem a exposição das ideias de seus alunos quanto às questões sociais apresentadas e com essa exposição botar palestras que busquem conscientizar os alunos e fazê-los repensar o mundo ao seu redor e se necessário, buscar ajuda com a instituição.

REFERÊNCIAS

CIEGLINSKI, Amanda. Discriminação afeta desempenho escolar de alunos homossexuais, 2009. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/07/24/ult105u8412.jhtm>>. Acesso em: 8 set. 2019.

Jovens homossexuais têm mais tendência ao suicídio, diz estudo. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT226806-17770,00.html>>. Acesso em: 8 set. 2019.

MATOS, Thaís. Por que os jovens universitários estão tão suscetíveis a transtornos mentais? 2017. Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/06/por-que-os-jovens-universitarios-estao-tao-suscetiveis-a-transtornos-mentais_a_23214960/>. Acesso em: 15 set. 2019.

MOTA, Beatriz. Universidades criam projetos de apoio a estudantes em crise, 2011. Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/educacao/vida-de-calouro/universidades-criam-projetos-de-apoio-estudantes-em-crise-3363659.html>>. Acesso em: 15 set. 2019.

RESENDE, Felipe. Depressão na homossexualidade. Disponível em: <<http://terapiaonline.weebly.com/depressatildeo-na-homossexualidade.html>>. Acesso em: 8 set. 2019.

SOUZA, Matheus. Qual o peso do racismo na saúde mental dos alunos? 2019. Disponível em <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/03/pertencimento-e-permanencia/>>. Acesso em: 16 set. 2019.

TÔRRES, Lara. Frustração universitária: saiba como superar o problema, 2018. Disponível em <<https://www.leijaja.com/carreiras/2018/07/29/frustracao-universitaria-saiba-como-superar-o-problema/>> . Acesso em: 15 set. 2019.